

**A SUA JANGADA AINDA FLUTUA SOBRE AS ÁGUAS:
REVISITANDO JOSÉ SARAMAGO DEZ ANOS APÓS A SUA
MORTE — COM SENA E SARTRE AO FUNDO**

Burghard Baltrusch

I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo

Resumo: Este estudo começa com uma comparação dos percursos de vida e obra de José Saramago e Jorge de Sena. Com a intenção de uma revisitação de alguns dos grandes rasgos temáticos da obra saramaguiana, destacar-se-á, também, uma certa afinidade, pouco estudada até agora, com Jean-Paul Sartre. Numa terceira parte, analisar-se-á o carácter universal da obra a partir da alegoria da jangada, que Saramago assumiu como metáfora válida para a sua vida e obra a partir da sua mudança a Lanzarote. Concluir-se-á com uma breve sistematização da relação entre o literário e o político na escrita e no pensamento do autor.

Palavras-chave: José Saramago, Jorge de Sena, Jean-Paul Sartre, *A Jangada de Pedra*.

Abstract: This study begins with a comparison of the life and work of José Saramago and Jorge de Sena. With the intention of revisiting some the principal thematic features of Saramago's oeuvre, certain affinities with Jean-Paul Sartre will be highlighted, which have not been studied until now. In a third part, the universal character of the work will be analyzed based on the allegory of the raft, which Saramago assumed as a valid metaphor for his life and work after his move to Lanzarote. It will conclude with a brief systematization of the relationship between the literary and the political in Saramago's writing and thought.

Keywords: José Saramago, Jorge de Sena, Jean-Paul Sartre, *The Stone Raft*.

“Let us listen to a true elder of our people, a man of tears,
a man of wisdom.”

Ursula K Le Guin, “*Seeing* by José Saramago” (2006)

Em 2020, cumprem-se dez anos desde a morte de José Saramago na ilha de Lanzarote, no meio do Atlântico, e do seu multitudinário funeral em Lisboa, com as pessoas assistentes a levantarem os seus livros para o ar.

Mas não se engane ninguém, a multidão tem sido, também, a encenação de uma triste excisão. O então presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, não compareceu porque não quis interromper as suas férias nos Açores para homenagear o primeiro Prémio Nobel de literatura em língua portuguesa. Uma decisão certamente política, apesar das explicações oferecidas no seu momento.¹ Saramago e Cavaco Silva representam duas ideias de Portugal claramente distanciadas. Por um lado, está a memória cultural viva da resistência à ditadura e de um processo revolucionário sócio-político que se estendeu até ao âmbito cultural e de criação, e que se entreteceu com a própria vida de um autor que se assumiu como aprendiz das personagens da sua obra (Saramago, De como a personagem foi mestre). Pelo outro, a chegada e implantação do neoliberalismo em Portugal, unido a um conservadorismo intelectualmente medíocre, que protagonizou a censura a *O Evangelho segundo Jesus Cristo* por parte de António Sousa Lara,² sub-secretário de cultura do governo do então primeiro-ministro Cavaco Silva, que, quando acedeu à presidência da República, até condecorou o seu fiel escudeiro com a Ordem do Infante D. Henrique, destinada a "quem houver prestado serviços relevantes a Portugal, no país e no estrangeiro".³ O ex-presidente Cavaco Silva também não teve reparos em identificar o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, ainda em 2008, com o Dia da Raça do salazarismo.⁴ Estas foram só algumas

¹ Cf. <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/explicacoes-de-cavaco-silva/>> e <https://www.rtp.pt/noticias/politica/cavaco-silva-desvaloriza-a-sua-ausencia-no-funeral-de-saramago_n353910> (consultados em 26/03/2020).

² Cf. <<https://observador.pt/especiais/o-veto-ao-evangelho-de-saramago-25-anos-depois/>> (consultado em 26/03/2020).

³ Cf. <<https://www.dn.pt/portugal/cavaco-condecora-antonio-sousa-lara-5036757.html>>. Esta constelação resulta ainda mais constrangedora se tomarmos em conta que Sousa Lara é hoje em dia o porta-voz do único partido de extrema-direita com representação na Assembleia da República <<https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/sousa-lara-regressa-a-politica-e-o-novo-porta-voz-do-chega>> (consultados em 26/03/2020).

⁴ Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=wk5XPc1LxFE>> (consultado em 26/03/2020). Há também uma estranha relação de Cavaco Silva com a Pide

das razões que levaram José Saramago a identificar Cavaco Silva como um “génio da banalidade” (Saramago, *Até agora*), e o presidente confirmou o epíteto ao não saber demonstrar sentido de Estado quando não assistiu ao funeral, como também não assistiu à cerimónia de trasladação dos restos mortais de Jorge de Sena a Portugal em 2009, no “regresso do indesejado”.⁵

Além de uma breve comparação com Jorge de Sena, o presente estudo ainda pretende destacar uma certa afinidade da obra saramaguiana, pouco estudada até agora, com Jean-Paul Sartre. Analisarei, a seguir, a universalidade da obra a partir da alegoria da jangada que Saramago assumiu como metáfora válida para a sua vida em Lanzarote e, como argumentarei, para a sua universalidade. Concluirei com uma breve sistematização da relação entre o literário e o político na obra do autor.

Saramago e Sena

Neste contexto, o facto de se publicar este número especial precisamente na *Santa Barbara Portuguese Studies* tem uma transcendência especial. Em termos gerais, trata-se da proposta de começarmos a repensar Saramago desde o lugar, físico e simbólico, onde Jorge de Sena (cujo centenário de nascimento celebrámos em 2019) deixou uma importante parte da sua vasta herança crítico-literária. Mais concretamente, trata-se de destacar como ambos os autores ocupam na história da literatura, da crítica e do pensamento em língua portuguesa uma posição muito especial: foram, e continuam a ser, dois gigantes literários e intelectuais de difícil digestão para o seu país natal. Reclamaram uma visão do enquadramento da cultura portuguesa no mundo radicalmente diferente de todas as políticas culturais oficiais pré- e pós-revolucionárias; encarnaram e praticaram ao longo das suas vidas uma posição de dissidência em relação à política cultural oficial do seu país de origem sem nunca terem pedido autorização. Enquanto Jorge de Sena sofreu marginalização e silenciamento, José Saramago, apesar do Prémio Nobel, ainda hoje divide a sociedade portuguesa, e costuma receber mais reconhecimento unívoco fora do que dentro de Portugal. Ambos chegaram a

(<<https://www.tsf.pt/portugal/cavaco-admite-ter-preenchido-ficha-na-pide-mas-nao-se-lembra-1734665.html>>, consultado em 26/03/2020), a cujos agentes concedeu, em 1992, uma pensão que antes tinha denegado a Salgueiro Maia, o mais emblemático capitão da Revolução (Piedade/Loff, *Ditaduras e Revolução*).

⁵ Eduardo Lourenço, in <<https://www.publico.pt/2009/09/12/jornal/jorge-de-sena-foi-restituido-a-sua-patria-com-a-cerimonia-de-trasladao-dos-restos-mortais-17781837>> (consultado em 29/03/2020).

ser embaixadores de uma política cultural portuguesa alternativa, em termos diacrónicos mas também sincrónicos, que ainda não foi devidamente reconhecida nem estudada.

A profunda admiração que Saramago professou por Jorge de Sena pode ser entendida, hoje, como um indício do que ele viu no seu conterrâneo (apenas) três anos mais velho: um espírito irmão, talvez até um modelo, nesta ânsia de os dois irem em contracorrente em relação aos respectivos tempos em que viveram. Numa entrevista concedida a João Céu e Silva, Saramago lembra o célebre discurso de Sena, dado no Liceu da Guarda, durante as comemorações do Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas, no dia 10 de junho de 1977:

Esta grande admiração pessoal [por Jorge de Sena] tem a ver por ele ser o tipo de pessoa que eu aprecio: frontal. Às vezes mesmo violento na expressão, basta recordar o célebre discurso da Guarda em que ele dita água gelada nas fervuras patrióticas [da Revolução de Abril] que se esperavam e que aconteceram realmente. Nessa comemoração disse: “Vocês estão a comemorar um país que não existe e eu venho aqui dizer-lhes que país temos, pelo menos em minha opinião”. (in Gómez Aguilera, *As Palavras de Saramago* 39)

Era esta frontalidade, sinceridade e coerência absolutas que o próprio Saramago também procurava para si, e que caracteriza as grandes vozes da criação e crítica literárias. Os grandes rasgos das duas biografias guardam semelhanças e diferenças: Sena viu-se forçado ao exílio, Saramago auto-exilou-se. Sena desejou regressar depois do 25 de Abril, mas nenhuma universidade portuguesa fez questão de querer acolhê-lo e, assim, permaneceu exilado. Saramago, tendo abandonado Portugal em protesto contra a censura do conservadorismo neoliberal, instalou-se em Lanzarote. Uma decisão afortunada porque chegou, de certa forma, a um lugar física e metaforicamente apropriado para a sua obra, que, desde *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, se foi tornando cada vez mais universal, como o próprio autor reconheceu em *A Estátua e a Pedra*.

A possível influência exercida por Jorge de Sena em Saramago documenta-se, por exemplo, na correspondência trocada entre ambos,⁶ na qual um ainda inexperiente

⁶ Através de um brevíssimo estudo de Gilda Santos, de 2011, sabemos que se trata de 46 cartas de Saramago, entre 1959 e 1971, quando o último co-dirigia a Editorial Estúdios Cor, na qual Sena publicou, entre outros textos, as *Andanças do Demónio*. Das 41 cartas de Sena a Saramago, entre 1959 e 1974, 17 estariam extraviadas, mas duvido que não seja possível localizá-las nos respectivos espólios.

Saramago poeta pede, humildemente, a opinião de Jorge de Sena em relação aos seus textos.⁷ Assim, a já estereotipada opinião de uma certa crítica, no sentido de Saramago ter superado o neo-realismo com o romance *Levantado do chão*, de 1980, deve ser revisitada e relativizada. Antes de mais, porque este momento não ocorre em 1980, mas sim, com muito mais probabilidade, em 1975, quando Saramago publica o pouco conhecido livro de poesia *O Ano de 1993*. É neste texto que o autor realiza, em grande escala, uma fusão de elementos neo-realistas e surrealistas, juntamente com uma combinação dialéctica da ideia marxista-trozkista de “mudar o mundo” com a tese de Arthur Rimbaud de “mudar a vida”. Este livro não só rende homenagem aos conteúdos políticos do surrealismo de André Breton (em explícita discordância com o surrealismo apolítico de Dalí) mas também, de certa forma, ao autor de *Coroa da Terra* (1946). Jorge de Sena, aliás, já tinha elogiado, numa carta de 1961, o primeiro livro de poemas de Saramago, *Os poemas possíveis*, que só sairia em 1966 (cf. Santos, *Espreitando uma correspondência inédita*).

Sem Jorge de Sena, não seria explicável a perfeição artística da transfiguração do neo-realismo através do imaginário e das técnicas surrealistas que José Saramago pratica em *O Ano de 1993*, um livro que representa o que tenho denominado de “um breviário daquilo que viria a ser a poética da futura obra do autor” (Baltrusch, *A arte é o que fica na história*).⁸ Em *Coroa da Terra*, Jorge de Sena oferece, já em 1946, uma fusão *avant la lettre* entre surrealismo e neo-realismo, por exemplo, no poema “Esgoto”:

Crianças pálidas brincam no esterco da rua
como se o esterco fosse a perpetuação do Sol
qual Sol que superasse das paredes altas
em vão rodeadas pela mão da morte.

Alegremente o esterco toma formas náuticas;
um murmúrio de água incita-o com ternura,
um murmúrio no cano coberto de lajes gastas;
um ciciar de restos não comidos, restos digeridos, vidas não geradas.

A cidade, do alto, é silenciosa,
porque as vozes não passam entre os beirais tão próximos.
Gerarão as crianças quanta vida ouviram:
algumas serão homens. (Sena, *Obras Completas – Poesia 1* 101)

⁷ Cf. também o interessante estudo de Pedro Fernandes de Oliveira Neto, “José Saramago, breve comentário sobre o crítico literário leitor de Jorge de Sena” (2020), que contribui para uma comparação dos dois autores, ainda pouco explorada pelos estudos saramaguianos.

⁸ Já o romance *Claraboia* antecipa um certo número de aspectos que irão caracterizar a obra futura (cf. o artigo de Luís Ricardo Duarte neste número); sem esquecermos *Terra do Pecado*, cuja importância foi destacada recentemente por Carlos Nogueira (*Terra do pecado: o «Fator Deus» no primeiro Saramago*).

Não existem muitas referências directas na obra saramaguiana a Jorge de Sena, nem à presença de possíveis influências em relação ao político e ao questionamento do canónico em *O Ano de 1993*: a reconfiguração do ideário neo-humanista do neo-realismo através do imaginário surrealista; a perspectiva desenganada sobre a Revolução de Abril; o emprego de uma estética insólita; um certo pessimismo distópico e escatológico, no sentido de fim de uma era; as técnicas de montagem; as imagens e alegorias fortes e até extremas, mas que, mesmo assim, não dispensam um carácter simultaneamente épico e revolucionário. Neste sentido, convém lembrarmos a caracterização que nos oferece Jorge de Sena da sua escrita poética em “Prefácio da primeira edição de Poesia-I” (1960):

[...] à poesia, melhor que a qualquer outra forma de comunicação, cabe, mais que compreender o mundo, transformá-lo. Se a poesia é [...] nas relações do poeta consigo mesmo e com os seus leitores, uma educação, é também, nas relações do poeta com o que transforma em poesia, e com o acto de transformar e com a própria transformação efectuadas — o poema, uma actividade revolucionária. (Sena, *Obras Completas - Poesia* 1 726)

Apesar de ter sido escrito 15 anos antes, o prefácio de Sena pode servir como contextualização de *O Ano de 1993*, um livro que Saramago começou a escrever ainda em tempos da ditadura (o primeiro poema data de Março de 1974) e que termina depois da revolução de Abril, aspecto que o predestina para o estudo do mais importante período de transição sócio-política em Portugal desde 1910 a partir da literatura. A inerência do político evocada por Sena estende-se, no caso de José Saramago, a toda a sua obra literária e é uma característica indissociável da sua vida e da sua relação com a sociedade e o mundo. Já em 1974, numa “Entrevista do jornalista José Carlos Vasconcelos ao escritor José Saramago”, sobre a sua vida pessoal, a obra literária, e o momento que se vivia em Portugal no pós-25 de Abril, na qual já referencia *O Ano de 1993* que só se publicaria no ano seguinte, Saramago pergunta: “O que é que o escritor vai ser neste país que queremos renovado? O que é que uma dada sociedade quer do escritor?” E acaba por responder a si mesmo que o escritor tem de sair do “gueto cultural”, vencer as “barreiras da incompreensão”, incluir a sua actividade política na obra literária, tendo em conta que a “capacidade de ligar com o mundo” é um talento intrinsecamente português (Saramago, Entrevista).

Saramago e Sena partilham, com independência da adscrição partidária concreta de Saramago, a ideia da literatura como educação e actividade política, e até revolucionária. Sobretudo, no que diz respeito a este dilema da dicotomia entre a necessidade de uma dada

actividade cultural ter de ser testemunha do seu tempo e das respectivas formas de vida; enquanto as inovações estéticas possam ser consideradas prescindíveis, dependendo do respectivo contexto contemporâneo. Acima de tudo, é comum aos dois uma idêntica sensibilidade em relação a um dos grandes dilemas da literatura: a dicotomia entre a necessidade de uma dada actividade cultural ter de ser testemunha do seu tempo e das respectivas formas de vida, e a possibilidade de as inovações estéticas serem consideradas prescindíveis, dependendo do respectivo contexto contemporâneo. O que Jorge de Sena restringiu à poesia, em Saramago abre-se para toda a actividade literária e cultural:

A co-responsabilidade do tempo e nossa, que é a única garante de uma autenticidade — pois que será esta senão a busca de numa verdade que está para lá da actividade estética, e que a actividade estética não tem por fim achar, mas testemunhar que insatisfeitamente ela é buscada? —, ultrapassa precisamente o solipsismo inerente mesmo à mais convivente das criações poéticas, e concede à poesia uma paradoxal objectividade [...].
(Sena, *Obras Completas - Poesia 1* 728)

Resulta evidente que uma qualquer arte política não se pode limitar a uma simples encenação com significado, ou a um espectáculo que pretende consciencializar sobre um determinado estado de coisas. Neste sentido, as obras de Saramago e Sena procuram combinar, embora de formas e intensidades variáveis e diferenciadas, os significados políticos e a dimensão cívica com uma estética que inclui imagens chocantes. Pensemos, por exemplo, nas crianças que brincam no esterco no poema “Esgoto” de Sena, ou nas violações em massa e outras violências descritas em *O Ano de 1993*. Esta vivência de choque, uma vez que também é fruto da recusa do sentimentalismo, da violência declarativa — tal como aconteceu, de forma quase paralela, em Alexandre O’Neill —, tem como consequência um processo de deslocamento da experiência estética do metafísico para a observação do concreto, um desassossego que é levado até ao corpóreo, material e quotidiano.

A literatura (e o pensamento) de Saramago “nunca é tranquilizante, «bela» no sentido da perfeita consolação de interior e exterior, essência e existência” (Vattimo, *A Sociedade Transparente* 59), uma vez que a sua estética nunca ignora os fenómenos reais. Podíamos dizer que Sena e Saramago formam parte, no contexto da literatura em língua portuguesa, de uma viragem paradigmática na estética do século XX, sobre a qual reflectiram figuras tão díspares como Martin Heidegger ou Walter Benjamin. Ambos os filósofos constataram, em princípios do século XX, a existência de uma oscilação entre a tradicional estética da obra e uma estética da experiência, fundamentalmente a partir do desenraizamento e do deslocamento (cf. Vattimo, *A Sociedade Transparente* 58). As parábolas

e a metaforicidade distópica e escatológica criada na obra literária saramaguiana podem ser lidas a partir do *Schockerlebnis* (vivência de choque) que Benjamin tinha deduzido da poesia de Baudelaire, e que o pensador alemão transformou em conceito-chave da sua filosofia da história. Em “A Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica”, Benjamin identifica a experiência individual do ser humano moderno com a sua sobrecarga sensorial e destaca que a “necessidade de o ser humano se expor aos efeitos de choque é a sua adaptação aos perigos que o ameaçam” (503, trad. minha).

É precisamente esta coragem de exercer e enfrentar sem paliativos a experiência do choque que fez com que a questão do literário e do político na contemporaneidade, nas obras de Saramago e Sena, juntamente com o correspondente pensamento meta-literário e o questionamento do pensamento identitário canónico, continue a ser caracterizado por uma assombrosa actualidade atemporal. Assim, ambos surgem como embaixadores de uma política cultural portuguesa alternativa, em termos diacrónicos mas também sincrónicos, que ainda não foi devidamente reconhecida nem estudada.

As dimensões políticas de Saramago e Sena não se revelam somente através das suas obras ficcionais, poéticas e dramáticas, mas sobretudo em conjunto com as respectivas obras teóricas e críticas, entre tantos outros textos de natureza diversa e, também, com as suas biografias. Há, em cada um, um projecto de totalidade, de fusão de vida e obra, que vai além das aspirações modernistas ao incluir as esferas do público e do político. Saramago caracterizou-o com a “tentativa de uma descrição totalizadora”, do querer “dizer tudo” dos seus romances, como se fossem uma “espécie de soma” (in Reis, *Diálogos com José Saramago* 138).

Desde a ida para Lanzarote, o projecto de totalidade de vida e obra de Saramago cria, de facto, um novo contexto para a história externa da literatura e cultura portuguesas, tal como também o tentara Jorge de Sena desde as Américas: um projecto de redefinição do que devia ser a projecção da cultura portuguesa no mundo, e que se foi construindo dentro e fora de Portugal, para Portugal, contra Portugal e (a)pesar de Portugal.

Saramago e Sartre

A minha retrospectiva de algumas das grandes linhas da obra saramaguiana, que uma certa distância já permite realizar, propõe incluirmos uma comparação com outro gigante literário

e filosófico, igualmente polémico, contestado e universal, que foi Jean-Paul Sartre.⁹ Ambos eram escritores comprometidos, activistas, ateus, pensadores incómodos, marxistas-comunistas inconformados e mais ou menos próximos do anarquismo solidário. Sartre ficou mais marcado pela II Guerra Mundial, o pós-guerra, a Guerra Fria e o Maio de 68, enquanto Saramago chegou a viver para além dos cataclismos resultantes da queda do muro de Berlim, da globalização e do neoliberalismo. Porém, as duas obras tratam o que ainda caracteriza a nossa actualidade: o sentimento de crise num mundo sem orientação transcendental e cada vez menos ético, o conflito entre o individual e o comum, entre a liberdade individual e a liberdade do outro, entre o ser e os valores, mas também entre o absurdo da existência e um ser humano que é “o ser pelo qual os valores existem” (Sartre, *O Ser e o Nada* 83). Nos dois percursos vitais podemos observar vários momentos, nos quais uma

conduta humana simboliza à sua maneira a **escolha fundamental** a ser elucidada, e uma vez que, ao mesmo tempo, cada uma delas disfarça essa escolha sob seus caracteres ocasionais e sua oportunidade histórica, é pela comparação entre tais condutas que faremos brotar a revelação única que todas elas exprimem de maneira diferente. (Sartre, *O Ser e o Nada* 696, cf. também 569, 582-583, negrito meu)

Em Sartre, estes momentos de uma escolha fundamental seriam, por exemplo, a passagem do existencialismo ao marxismo, ou da ortodoxia marxista para a abertura inspirada pelo Maio de 68, que o faz aproximar-se do anarquismo. Em Saramago, temos a ida para o Alentejo depois do 25 de Novembro de 1975, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), que marca uma viragem temática e estilística na sua obra e que originará o auto-exílio em Lanzarote, após a censura de Sousa Lara. Tal como nos textos sartrianos, também em Saramago encontramos inúmeras personagens que fazem, num momento histórico concreto, uma escolha ‘espontânea’ que marcará profundamente os seus posteriores percursos, que justifica as suas existências e determinará as suas relações sociais e emocionais. Pensemos, somente, nas personagens da “trindade terrestre” de *Memorial do Convento*, em Raimundo Silva da *História do Cerco de Lisboa*, nas cinco personagens principais de *A Jangada de Pedra*, na mulher do médico de *Ensaio sobre a Cegueira*, entre tantos outros. Podíamos dizer que, no caso da grande maioria dos protagonistas saramaguianos, esta escolha determina o seu relacionamento social, o seu humanismo (existencialista), o seu próprio ser e a sua consciência. Em termos existencialistas, o humanismo da mulher do médico reside na

⁹ Entre os pouquíssimos estudos que ensaiaram uma comparação preliminar contam-se, por exemplo, Neto (Diálogos entre José Saramago e Jean-Paul Sartre) e Moraes/Ferreira (Um reflexo do homem contemporâneo sob o viés da teoria existencialista).

necessidade de se definir desde o exterior, a partir dos outros, a partir do abandono, a partir de um universo que só existe como subjectividade humana. Neste universo humano ela vê-se confrontada com o facto de que qualquer ética ou lei só emana do ser humano transcendentalmente abandonado, condenado a decidir sobre si mesmo, e que uma definição do humano não pode consistir na auto-contemplação mas sim na constante procura de um objectivo que se situa fora de nós mesmos (cf. Sartre, *L'Existentialisme est un Humanisme*).

Quando o leitor Raimundo Silva decide incluir um “não” no manuscrito sobre a história dos cruzados e o cerco de Lisboa, toma-se, com este acto de negação, num procedimento claramente sartriano, uma liberdade de acção com a intenção de poder imaginar o mundo de forma diferente. Tal como acontece com o Orestes em *Les mouches* (*As Moscas*, 1943), também a liberdade de Raimundo Silva está definida por uma escolha individual e pela assunção da correspondente responsabilidade. E também o comissário em *Ensaio sobre a Lucidez* revela uma ideia de liberdade como orientação moral que define o carácter libertador do seu acto insurgente.

Contudo, Saramago costumava mostrar uma atitude mais céptica em relação ao alcance da liberdade humana, já que considerava que nenhuma pessoa é “totalmente livre para dispor da sua vida como entende e sabendo nós que a nossa vida é também orientada, determinada e empurrada pelas outras pessoas sem disso nos darmos conta” (in Reis, *Diálogos com José Saramago* 59). Não consta que tenha aprovado (nem reprovado) a radicalidade, sem antecedentes na história da filosofia, com a qual Sartre colocou a questão de uma liberdade primordialmente ontológica. Porém, é bastante óbvio que os actos da maioria dos protagonistas saramaguianos, tal como no caso do Orestes em *Les mouches*, não somente conseguem libertar os outros como também a si mesmos. A mulher do médico age livremente ao tratar-se da toma de consciência de uma liberdade como forma de ser, porque, antes de uma qualquer e suposta essência humana, estaria sempre a liberdade que a possibilita. Em *Les mouches*, esta liberdade ontológica afasta, aliás, qualquer subordinação a um elemento divino, o que também é válido para o *Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*. “Quando a liberdade explode na alma dum Homem os deuses perdem todo o poder sobre ele. Passa então a ser uma coisa puramente humana e só outros homens podem matá-lo ou deixá-lo viver” (Sartre, *As Moscas* 95).

Esta condição também caracteriza um vasto elenco de personagens saramaguianas, que se experienciam diferentes e que, afinal, não têm outra opção senão ser livres. De uma forma comparável, as acções individuais do comissário de *Ensaio sobre a Lucidez*, da mulher do médico em *Ensaio sobre a Cegueira*, de Baltasar e Blimunda, dos

protagonistas de *A Jangada de Pedra*, entre muitos outros exemplos possíveis, constituem rupturas com as circunstâncias dadas, são escolhas livres das pessoas, escolhas de si próprias mas também escolhas que transcendem a respectiva individualidade. Em Sartre e em Saramago, a liberdade surge sempre relacionada com factos, encontra-se inserida em situações concretas num mundo que, constantemente, lhe oferece resistência e no qual o que somos acaba por ser decidido pelos nossos actos:

GARCIN - Não sonhei com esse heroísmo. Escolhi-o. A gente é o que a gente quer ser.

INÈS - Prove, então. Prove que não era um sonho. Só os actos decidem sobre o que quisemos.

GARCIN - Morri cedo demais. Não me deram tempo para praticar os meus actos.

INÈS - Morre-se sempre cedo demais... ou tarde demais. No entanto, a vida aí está, liquidada. Já se deu o traço debaixo das parcelas, resta fazer a soma. **Você nada mais é do que a sua vida.** (Sartre, *Huis clos*, 84, trad. e negrito meu)

De forma generalizada, ambas as obras encaram a liberdade como sendo, fundamentalmente, um acto político libertador, como uma prática individual, mas também colectiva, sempre inserida num contexto sócio-histórico concreto. Os grandes romances saramaguianos sugerem que qualquer orientação ética e moral pode e talvez tenha de ser deduzida desta ontologia da liberdade. Assim, em *Ensaio sobre a Lucidez*, o ex-presidente da câmara responde a um repórter perplexo, que questionara que fosse apropriado um político participar numa manifestação contra o sistema político:

Desculpe, [...] confesso-lhe que me sinto desconcertado, Cuidado, o desconcerto moral, parto do princípio de que é moral o seu desconcerto, é o primeiro passo no caminho que leva à inquietação, daí para diante, como vocês tanto gostam de dizer, tudo pode acontecer [...] (Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez* 142)

Com outras palavras, é a inquietação ontológica e ética que motiva a acção política, até em termos revolucionários. Existem inúmeros exemplos na obra saramaguiana que ilustram a tensão entre liberdade própria e liberdade do outro, entre o problema de se aproximar da liberdade do Outro, e da impossibilidade de, simultaneamente, a receber como própria. Sartre diria aqui que o conflito é a essência das relações humanas (*O Ser e o Nada* 531). Em certo sentido, Saramago e Sartre representam, nos seus contextos diversos e com os seus estilos divergentes, tentativas de encontrar expressões criativas para as estruturas, possibilidades e limites da liberdade humana.

Outro aspecto que sobressai na comparação das duas obras é o ateísmo como elemento fundamental para a ontologia, para a contingência da existência humana e do ser, para a liberdade e para qualquer projecto humano, de humanidade ou de humanismo.¹⁰ A tentativa de o ser humano dissolver o absurdo da existência, as suas diferenças e contradições, tal como a procura de uma transcendência, acabam por ser uma “paixão inútil” (Sartre, *O Ser e o Nada* 750). A gesta do Jesus de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ilustra, de forma paradigmática, a falácia da pretensão humana se transcender a si mesma quando pretende ajudar-se do *ens causa sui*, ao qual as religiões chamam Deus.

As poderosas alegorias criadas em textos como *O Ano de 1993*, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez* demonstram como a liberdade humana só pode ser uma liberdade realizada, ou seja, praticada, e que esta liberdade radical, à qual devemos aspirar, precisa de ser completada, sempre, com uma teoria radical da responsabilidade (cf. Saramago, *De como a personagem foi mestre*), para que não perca o seu efeito libertador. É um processo complexo e não isento de sofrimento e em que a angústia, o desconcerto e o abandono aparecem como condições ontológicas da existência humana. Em última instância, Saramago confere ao ser humano uma responsabilidade que se aproxima daquela que já lhe impusera Sartre:

o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Tomamos a palavra "responsabilidade" em seu sentido corriqueiro de "consciência (de) ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto". Nesse sentido, a responsabilidade do Para-si é opressiva, já que o Para-si é aquele pelo qual se faz com que haja um mundo, e uma vez que também é aquele que se faz ser, qualquer que seja a situação em que se encontre, com seu coeficiente de adversidade próprio, ainda que insuportável; o Para-si deve assumi-la com a consciência orgulhosa de ser o seu autor, pois os piores inconvenientes ou as piores ameaças que prometem atingir minha pessoa só adquirem sentido pelo meu projeto; e elas aparecem sobre o fundo de comprometimento que eu sou. (Sartre, *O Ser e o Nada* 678)

Para Sartre, só a liberdade radical, o carácter libertador da acção, permite deduzir uma orientação moral da ontologia: “tal responsabilidade absoluta não é resignação: é simples reivindicação lógica das consequências de nossa liberdade” (678). Isto condiz com a importância que Saramago sempre deu à sua responsabilidade como cidadão em relação a

¹⁰ Há um debate aberto sobre a religiosidade em José Saramago e que queríamos incluir também neste número (cf. os artigos de Manuel Frias Martins e de José Vieira).

tudo que fazia, e que representava uma escolha livre e individual (Saramago in Reis, *Diálogos* 54, 113, 120).¹¹

Podíamos dizer que, no caso dos dois autores, é a prática individual no seu contexto socio-histórico que abre o caminho para a acção política. Em *Critique de la raison dialectique* (*Crítica da razão dialéctica*, 1960), Sartre fazia depender a prática individual da totalidade histórica, procurando integrar o existencialismo no marxismo e tentando relacionar a singularidade do universal com a universalidade do singular. Foi com este livro que a categoria da existência se transformou no seu pensamento em categoria da prática, uma vez que a acção não é só dirigida à transformação do indivíduo mas também à transformação do mundo e das suas condições socio-económicas. Também em Saramago, a liberdade concreta, e a libertação do indivíduo, acabam por ser a única via para construir uma comunidade forte, livre e ao mesmo tempo operativa.

A Jangada de Pedra talvez seja o mais imediato exemplo de como num grupo, que se constituiu de forma espontânea, a liberdade da prática individual passou a ser, também (e de forma não previsível, contingente e não institucionalizada), a prática de uma liberdade comum.¹² De facto, os grupos que se formam em *O Ano de 1993*, *A Jangada de Pedra* ou *Ensaio sobre a Cegueira* correspondem, em certa medida, ao ideal da “groupe en fusion” (grupo em fusão), ideia desenvolvida pelo Sartre tardio (*Critique de la raison dialectique* 627-755), enquanto em *Ensaio sobre a Lucidez* assistimos à sua dissolução. Segundo a ideia do filósofo existencialista, só um grupo que se forma espontaneamente (e de maneira não-institucionalizada) pode realizar a ideia de uma comunidade lograda, de uma comunidade que pratica a liberdade individual como liberdade de todos. Qualquer tentativa de fixar a espontaneidade deste processo acabaria por produzir uma alienação. Também neste sentido, é o grupo protagonista de *A Jangada de Pedra* que ilustra, de forma paradigmática, o paralelismo entre os ideários de Sartre (mais sistematizado) e Saramago (mais alegórico). Os ciúmes que os homens do grupo sentem perante as aventuras das mulheres com Pedro Orce põem em perigo a estabilidade do “grupo em fusão”, uma vez que representam tentativas de

¹¹ E que continua a contribuir para o debate global, através da "Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos", inspirada no discurso de Estocolmo de Saramago, que foi entregue, em 2018, à ONU para ser dada a conhecer mundialmente (cf. as versões em inglês, espanhol e português em < <https://catedrasaramago.webs.uvigo.gal/pt/blog/carta-universal-de-deveres-e-obrigacoes-dos-seres-humanos-em-portugues-espanhol-e-ingles-248/> > (consultado em 20/03/2020).

¹² Sem esquecermos o cão Constante e, com ele, o elemento anti-especista com o qual Saramago enriquece a perspectiva do humanismo existencialista.

reinstitutionalizar um patriarcalismo teoricamente já ultrapassado pelo grupo, o que, assim, divide novamente as práticas libertadoras individuais.

No fundo, a ideia sartriana do conflito contínuo entre o individual e o comum, como também a sua exigência de uma revolta espontânea e permanente como única solução, aproxima-se do imaginário saramaguiano da necessária reescrita da História e das suas histórias. Ambos os procedimentos aparecem, nos contextos heterogêneos mas ainda assim comparáveis das duas obras, como as únicas formas viáveis para relacionar, dialecticamente, a prática individual com o seu contexto geral, para tentar amalgamar o individual e o comum na totalidade das suas variações. De forma exemplar, Saramago lembrou, no *Último Caderno de Lanzarote* (2018), a epígrafe que colocara, 40 anos antes, à sua antologia de contos *Objeto quase*, dizendo que esta

contém e explica de modo claro e definitivo o que estou a tentar exprimir. Dizem Marx e Engels: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente.” Está aqui tudo. Só um “estado de espírito comunista” pode ter sempre presentes, como regra de pensamento e de conduta, estas palavras. Em todas as circunstâncias. (Saramago, *Último Caderno* 196)

No entanto, conviria completarmos esta reflexão com a reinterpretação do marxismo em geral, e deste aforismo em particular, que realizou Jean-Paul Sartre já no final da sua vida e que, muito provavelmente, José Saramago também teria subscrito:

[...] somos sempre responsáveis pelo que fizeram de nós, mesmo que não possamos fazer nada além de assumir essa responsabilidade. Acredito que **nós, seres humanos, sempre podemos fazer algo do que fizeram connosco**. Esta é a definição que eu daria hoje à liberdade: esse pequeno movimento que torna um ser social totalmente condicionado numa pessoa que não reproduz tudo o que recebeu através do seu condicionamento. (*Sartre par Sartre* 101, trad. e negrito meu)

Para que, ainda assim, possamos fazer alguma coisa daquilo que de nós fizeram as circunstâncias, apesar de estarmos condicionadas e condicionados pela situação na que nos encontramos, o que realmente importa são os pequenos momentos e movimentos da vida. Aquelas pequenas acções que fazem de um ser humano, condicionado pelo seu contexto socio-histórico, uma pessoa. Como o comissário dissidente em *Ensaio sobre a*

Lucidez, que não aceita o seu condicionamento e a ficção de totalidade imposta por um sistema supostamente sem alternativas.¹³

Saramago e a jangada pós-colonial

Já referi vários momentos da biografia de Saramago que representam “escolhas fundamentais” com as quais o autor reformulou as circunstâncias que lhe foram impostas pela vida, sendo uma das mais transcendentais, no preciso sentido sartriano da palavra, a sua ida para Lanzarote. Em 1998, constatou que “Lanzarote é a minha jangada de pedra” (in Gómez Aguilera, *As Palavras de Saramago* 107) e, já no ensaio “A Country Adrift”, publicado em 1988 no *Times Literary Supplement*, explicitou, para um vasto público universal, a importância que o romance *A Jangada de Pedra* tem para compreendermos o seu percurso pessoal e de pensamento:

There have been times when this novelist, caught in the mesh of the fiction he was weaving, began to imagine himself being transported on that extraordinary stone raft into which he had transformed the Iberian Peninsula, floating over the Atlantic Ocean and heading for the South and Utopia. The singular nature of the allegory was transparent: although preserving some of the same motives as an ordinary emigrant who departs for other shores to seek his fortune, there prevailed, in my case, a definitive and substantial difference, in so far as I took with me in this unprecedented migration the whole of my native Portugal, and—without having sought permission from the Spaniards, therefore without any authority or mandate—Spain itself. Now, filled by these imaginings of mine, I observed that they brought no feelings of regret, of melancholy, of distress bordering on panic or any of the nostalgia summed up by that inevitable Portuguese word: *saudade*. The reasons will soon become clear. To all appearances, I was certainly leaving Europe behind for ever more, but the essential fabric of the immense craft transporting me continued to nourish the roots of my own identity and of my collective heritage. I found no reason, therefore, to mourn my lost treasure. ... I hereby testify that I would be prepared to bring my wandering raft back from sea after having learned something during the voyage, if Europe would acknowledge that she is incomplete without the Iberian Peninsula. (Saramago, *A Country Adrift* 1370).

Tal como Jorge de Sena, Saramago leva consigo as suas origens culturais portuguesas, e não só. Na viagem que inicia na rota histórica dos ‘Descobrimentos’ portugueses, acompanham-no a cultura espanhola e, em última instância, toda a história

¹³ Cf. o slogan e princípio político TINA (“There is no alternative”) ou as polémicas teoria de Francis Fukuyama sobre o fim da história depois da queda do muro de Berlim que continuam a guiar a ideologia neoliberal na actualidade.

européia.¹⁴ Dois anos mais tarde, e novamente no TLS, o seu primeiro tradutor ao espanhol, Basilio Losada, dirá que “Saramago is writing for the whole continent from its westernmost corner” (*An Iberian Voice* 208). Porém, o ilustre crítico galego ainda não previra a transcendência universal que a obra saramaguiana já começava a adquirir naquele momento, nem a viragem universalista no seu pensamento. De facto, a obra saramaguiana acabou por ser uma grande jangada que viaja pelo mundo fora, com muitas ideias e obras concretas a continuarem a flutuar, qual jangadinhas de ainda incalculável importância filosófica, sociopolítica e cultural, no vasto mar da nossa actualidade.

A importância que tem, neste contexto, *A Jangada de Pedra* para a hermenêutica da obra literária, do pensamento, da vida e da recepção de Saramago pode ser reconstruída a partir de três aspectos, anunciados já nos seus Discursos de Estocolmo: a cegueira dos estados de nação; a questão da relação entre consciência histórica e ética; e as questões humana e de humanismo.¹⁵

A cegueira histórica e social dos estados de nação: Este livro, cuja publicação coincidiu com o trigésimo aniversário da adesão de Portugal e Espanha à CEE, a futura União Europeia, foi o “fruto imediato do ressentimento colectivo português pelos desdêns históricos da Europa (mais exacto seria dizer fruto de um meu ressentimento pessoal...)” (Saramago, *De como a personagem foi mestre*). No seu momento, o romance e as opiniões do autor representavam uma visão radicalmente diferente daquela que vigorava na opinião pública de então. Desde a direita até ao centro-esquerda, depreciava-se qualquer debate sobre o perigo que implicava a estratégia do momento de pôr em prática uma união económica antes de se ter encaminhado uma verdadeira convergência político-cultural.¹⁶ Uma ampla maioria nos principais países europeus acreditava ingenuamente que o período de paz após a II Guerra Mundial só se devia ao processo de integração económica europeia, obviando o papel fundamental que desempenharam as mudanças sócio-políticas no Sul da Europa (as revoluções portuguesa e grega, a transição espanhola) e, mais tarde, a queda do muro de Berlim, a desintegração da União Soviética prolongaram as condições favoráveis para o sistema democrático e capitalista na Europa. O romance também sugere que a Europa ignorou durante demasiado tempo o conflito pós-colonial, que é antes um conflito histórico-

¹⁴ Mas também a sábia predisposição de trocar o ressentimento pelo regresso se a Europa conseguir abandonar a sua cegueira (cf. *infra*).

¹⁵ Para contribuir para o estudo de *A Jangada de Pedra*, este número inclui três ensaios, desde disciplinas diferentes, da autoria de Celso Cancela, Enrique Varela e Ana Cláudia Henriques.

¹⁶ A crise financeira de 2007-2008 e a actual crise sanitária do COVID-19 provam que esta estratégia de política europeia tem sido um fracasso.

cultural e político, e só em segundo lugar um conflito económico, e que o Maio de 1968 tinha transformado, repentinamente, num problema europeu.

Depois de 500 anos de presença em três continentes e após a perda das últimas colónias, a entrada de Portugal e Espanha na CEE tinha sido muito menos um regresso a casa do que uma chegada a um continente já diferente. Até à morte de Franco ou ao 25 de Abril, respectivamente, a Europa fora para Espanha e Portugal sobretudo um destino de emigração e de exílio. E a Europa ignorava a importância dos países ibéricos para a conformação da sua própria suposta identidade cultural. Se as raízes do pensamento europeu estão na Grécia antiga, e se a cultura romana deixou uma profunda herança sistémica, Portugal e Espanha trouxeram novos ‘mundos’ ao ‘mundo’ Europa. Assim,

Esse romance [...] é o efeito, talvez último, de um ressentimento histórico. Provavelmente, só um português poderia ter escrito tal livro. Mas o seu autor, este autor, declara que estaria pronto a fazer regressar do mar a errante jangada, depois de alguma coisa ter aprendido de vitalmente necessário durante a sua navegação, se a Europa, reconhecendo-se, de facto, incompleta sem a Península Ibérica, viesse a fazer pública confissão dos erros cometidos, das injustiças e dos desprezos com que durante tantos anos tratou dois povos a quem deve muito mais do que aquilo que tem querido reconhecer. (Saramago, *Meditação sobre uma Jangada* 105)

A adesão económica, porém, aconteceu num momento no qual esta Europa já se encontrava desprovida de um imaginário comum. Nos casos espanhol e português, talvez tenha vigorado naquele momento uma utopia de modernização das suas sociedades. Mas o que realmente produziu uma política de factos consumados era a economia comunitária com os seus caudais de fundos de desenvolvimento. Porém, não existia naquele momento um projecto político-cultural de uma Europa com valores comuns que pudesse ter servido de alicerce para uma integração.

A questão da relação entre consciência histórica e ética: Precisamente por causa desta cegueira histórica e política dos estados de nação, *A Jangada de Pedra* insistiu na necessidade de o sujeito actuar para não ficar desvinculado do seu contexto histórico-social e político. Como em boa parte da obra saramaguiana, também este romance participa de uma certa utopia do destino individual e do futuro melhor, embora sempre seja uma utopia de baixa intensidade ou, até, totalmente negada. “[O] amanhã é a única utopia” admissível para Saramago (cf. Baltrusch, *O que transformou o mundo foi a necessidade e não a utopia*), e esta só se explica e justifica quando o sujeito adquire uma memória crítica do passado, quando é capaz de intervir na História através dos seus actos. Já em 1986, numa entrevista para a revista francesa *Libération*, Saramago situa o cerne desta questão na necessidade de

acrescentarmos à memória colectiva europeia um sentimento ético (Meditação sobre uma Jangada). No seu discurso de Estocolmo, em 1998, esta reclamação de um compromisso ético perante a História acabou por incluir duas propostas políticas, geo-estratégicas e histórico-culturais:

[...] o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do Atlântico, desafiando assim [...] o domínio sufocante que os Estados Unidos da América do Norte vêm exercendo naquelas paragens... Uma visão duas vezes utópica entenderia esta ficção política como uma metáfora muito mais generosa e humana: que a Europa, toda ela, deverá deslocar-se para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo. Isto é, Europa finalmente como ética. (Saramago, *De como a personagem foi mestre*)

Continua a haver lugar para o antigo sonho de um destino atlântico das culturas peninsulares, livre de complexos de superioridade, ao que agora se adiciona o desejo de uma Europa verdadeiramente comunitária e responsável pela sua história. Naturalmente, isto inclui também a defesa de um pluralismo e de uma identidade cultural fluída, sintonizada com um mundo globalizado, mas sem nunca abdicar da premissa de uma ética concreta e palpável:

De um ponto de vista ético abstracto, a Europa não tem mais culpas no cartório da história que outra qualquer parte do mundo onde, hoje e ontem, por todos os meios, se tenham disputado o poder e a hegemonia. Mas a ética, exercendo-se, como no-lo está dizendo o senso comum, sobre o concreto social, é porventura a menos abstracta de todas as coisas. (Saramago, *Meditação sobre uma Jangada* 105)

Esta filosofia do sentido comum e da ética prática é a base do “privilegiamento das permutas culturais” com a América Latina e África (Saramago, “A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa 24), com o qual o eurocentrismo deve ser contrariado, uma ideia que Saramago circunscreveu também com o conceito da “trans-ibericidade” (Saramago, *Acerca do (meu) Iberismo* 31). Quer dizer, desafia-se a Europa a confrontar a sua imagem no espelho das culturas pós-coloniais às quais deu origem. Hoje, quando tanto se deplora (até hipocritamente) o eurocepticismo, convém lembrarmos que Saramago já advertira, em 1986, que existe, “além dessa espécie de deformação congénita denominada eurocentrismo, aquele outro comportamento aberrante que consiste em ser a Europa, por assim dizer, eurocêntrica em relação a si mesma” (Saramago, *Meditação sobre uma Jangada* 101). Saramago sempre insistiu na correlação entre uma ética comum e a necessária aceitação dos factos diferenciais das várias culturas europeias:

[...] não haverá no futuro próximo uma nova Europa se esta não instituir frontalmente como entidade moral, e também não a haverá se não for abolido, mais do que os egoísmos nacionais, que quantas vezes não passam de meros reflexos defensivos, o preconceito da prevalência ou da subordinação das culturas. (Saramago, Meditação sobre uma Jangada 102-103)

Para os estados europeus ricos e, segundo a opinião narcísica em que se comprazem, culturalmente superiores, o resto da Europa é algo vago e difuso, um pouco exótico, um pouco pitoresco, merecedor, quando muito, da atenção da antropologia e da arqueologia. (102)

Não é só Portugal que hoje se debate com transformações impostas pela economia primeiro neo- e depois ordoliberal. Todos os países economicamente mais fracos do sul da Europa devem corresponder, entre outras imposições de um mercado comunitário e simultaneamente globalizado, ao ideal de destino de negócio aliciante ou *low cost*. Enquanto a Europa se encontrar numa deriva desintegradora, austerocrática, paternalista, heteropatriarcal e sem consenso sobre valores comuns, um livro como *A Jangada de Pedra* continuará a ser uma mensagem política relevante para os indispensáveis debates sobre o futuro da UE.

Já aludi ao facto de Saramago ter sido um declarado crítico do pensamento utópico, embora sempre se tenha esforçado por manter uma porta aberta para uma reinvenção em positivo da narrativa “Europa”. Porém, este renovado relato ético teria de partir da cidadania e do sujeito, da ideia de um *demos* (δημος) europeu, ou seja, de um conceito de povo que não se fundamenta exclusivamente no étnico. Só a expressão deliberativa, cooperativa e colectiva da vontade dos sujeitos pode legitimar uma acção política e social oposta à tecnocracia descaracterizadora. Mas antes de lá chegar, avisa-nos Saramago, esta cidadania precisa de assumir que

as culturas, é tempo de começar a entendê-lo [a] Europa, e entendida tente ficar de uma vez para sempre, não são melhores nem piores umas que as outras, não são mais ricas nem mais pobres. Pelo destino, valem-se e equivalem-se, e pela diferença, assumida e aprofundada, é que se justificam. (Saramago, Meditação sobre uma Jangada 102-103)

As questões humana e de humanismo, que Saramago leva consigo à jangada de Lanzarote e ao mundo inteiro, são um terceiro aspecto indispensável para a hermenêutica da obra, e que este livro explicita com a parábola da viagem dentro da viagem:

As personagens da Jangada de Pedra - duas mulheres, três homens e um cão - viajam incansavelmente através da península enquanto ela vai sulcando o oceano. O mundo está a mudar e eles sabem que devem procurar em si mesmos as pessoas novas em que irão tornar-se (sem

esquecer o cão, que não é um cão como os outros...). Isso lhes basta. (Saramago, *De como a personagem foi mestre*)

A viagem da jangada da obra saramaguiana tem como rumo um projecto civilizacional, de uma humanidade e um humanismo sem Deus, igualitário, ecologista, anti-especista, que a literatura e o activismo do autor explicitam de formas variadas, juntamente com a “trans-ibericidade”, a perspectiva ético-moral (e radicalmente pós-colonial) da “Europa finalmente como ética”.¹⁷ Assim, a vara de negrilho e o risco de Joana Carda, que maravilhosamente desencadeiam a rutura da Península Ibérica nos Pirenéus, deslegitimam todas as vinculações impostas, sociais ou políticas. É sugerida a instituição de uma nova realidade, de uma necessária heterogeneidade cultural e de uma reescrita pós-colonial da História. A leitura crítica da História que propõe o romance lembra-nos que a Europa precisa de uma narrativa actualizada e da sua consequente posta em prática. Mais de trinta anos depois, a relevância da perspectiva saramaguiana sobre a relação das culturas ibéricas com o resto da Europa e com o mundo continua a ser evidente.

Assim, esta jangada pós-colonial, existencialista-humanista e político-cultural de José Saramago, além de toda a alegoria literária, nunca deve ser interpretada como evasão na superficialidade do utópico mas como esforço de assentar os pés do imaginário no próprio chão da realidade. Numa (auto-)irónica proposta de explicação do desprendimento da Península, o narrador de *A Jangada de Pedra* diz:

Cá fora, com os pés firmes no chão, olhando os horizontes, ou do ar, onde infatigavelmente as observações continuam, a península é uma massa de terra que parece, insista-se no verbo, parece flutuar sobre as águas. Mas é evidente que não pode flutuar. Para que flutuasse seria preciso que se tivesse desprendido do fundo, caso em que inevitavelmente iria parar ao mesmo fundo desfeita em torrões, porque, mesmo supondo que nas circunstâncias agentes a lei da impulsão se cumpriria sem maior desvio ou vício, o efeito desagregador da água e das correntes marítimas iria, progressivamente, reduzindo a espessura da plataforma navegante até por completo se dissolver a placa superficial. Portanto, e por exclusão de partes, havemos de concluir que a península desliza sobre si própria, a uma profundidade ignorada, como se horizontalmente se tivesse dividido em duas lâminas, a inferior formando parte da crosta profunda da terra, a superior, como se explicou já, escorregando lentamente na escuridão das águas, entre nuvens de lodo e peixes assustados, assim estará navegando nos abismos, em algum lugar dos oceanos, [...]. (Saramago, *A Jangada de Pedra* 136)

¹⁷ Outros aspectos seriam a reinvenção de certas técnicas do teatro épico, a modernização pós-colonial do ideal neo-realista de um “Novo Humanismo”, a reavaliação e “correção” de história e historiografia ou das perspectivas eurocêntrica e androcêntrica (cf. Baltrusch, *A nova Mensagem do trans-iberismo*).

Conclusão: o literário e o político

Das afinidades de José Saramago com Jorge de Sena e Jean-Paul Sartre, como também da grande imagem alegórica da jangada de pedra, podemos deduzir quatro dimensões interdependentes que enquadram a relação entre o literário e o político na sua obra:

Na **confabulação que a obra estabelece entre expressão literária, filosófica e política**, há uma complexa tensão ontológica entre as condições contingente, absurda, mas também intencional, utópica, distópica, solidária e radicalmente livre da existência humana, que se apresenta de forma alegórica e transversal, e sempre em relação com as tensões entre o individual e o comum, entre liberdade, responsabilidade e acção.

Entre as **preocupações civilizacional e geocultural** (nas suas expressões ficcional, ensaística, activista e de *littérature engagée*), a proposta de José Saramago, realizada por ocasião da entrega do Prémio Nobel e do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, salienta que estes direitos deviam ser associados a um elenco de deveres das pessoas.¹⁸ Esta proposta projectou o activismo político de José Saramago até à nossa actualidade (e para além dela), ao inspirar a redacção de uma *Carta Universal dos Deveres e das Obrigações das Pessoas*, promovida pela Fundação José Saramago em colaboração com a Universidade Nacional Autónoma de México. A proposta foi entregue à ONU, em Abril de 2018, para ser dada a conhecer mundialmente. Com a intenção de complementar e ampliar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, esta Carta defende uma "ética da responsabilidade" e propõe uma "simetria" com os deveres humanos reivindicados (del Río, A última carta de Saramago).

O activismo político, e mesmo revolucionário, como consequência das dimensões filosófica, civilizacional, literária e socio-histórica, sempre desempenhou um papel destacado na biografia de José Saramago: seja no polémico cargo como co-director do *Diário de Lisboa* durante o PREC, seja como membro dissidente do PCP, como conferencista no Fórum Social Mundial, apoiante do movimento zapatista, ateu militante, ou de tantas outras causas que abraçou desde uma perspectiva de prática individual, tanto libertadora como também libertária, sempre com uma acentuada consciência crítica em relação aos contextos histórico e social.

Finalmente, também convém ter em conta uma dimensão de **literatura política**

¹⁸ "Tomemos então nós, cidadãos comuns, a palavra: Com a mesma veemência com que reivindicamos os direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez assim o mundo possa ser um pouco melhor" (Saramago, De como a personagem foi mestre).

e política da literatura. Esta começa já, no plano estilístico, com a conhecida crítica da narratologia tradicional (com a sobreposição subversiva da instância autoral à instância narradora) e do sistema de géneros literários (Saramago in Reis, *Diálogos com José Saramago* 97-98, 133, 138), e também inclui, entre muitos outros aspectos, a preocupação com a representação da mulher na História e na Literatura. No *Último Caderno de Lanzarote*, Saramago ainda esboça outra dimensão política da literatura, que é a sua auto-dissolução:

Realmente, a partir do Ensaio [sobre a Cegueira] a minha relação com o acto de escrever mudou, o que só pode significar que algo terá mudado em mim. Tenho tentado explicar isto pela metáfora da estátua e da pedra, digo que até ao Evangelho andei a descrever uma estátua, a superfície da pedra (a estátua é apenas a superfície da pedra...) e que com o Ensaio passei para o lado de dentro, para a pedra só pedra e nada mais que pedra. Ficou mais claro assim? Provavelmente não, mas é o que ando a sentir. Se a tudo isto se junta que cada vez menos me interessa falar de literatura, que duvido até que se possa falar de literatura. (146)

É a própria ideia de literatura, e a sua capacidade de mudar a História, que começa a ser posta em questão. Um processo que contrasta, à primeira vista, com o respectivo optimismo de Sartre, que confiava em que “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade; tendo começado, de bom grado ou à força você estará engajado” (Sartre, *Que é a Literatura* 53), ou seja, no sentido da escrita literária como acto de libertação humana. Porém, é provável que a dúvida de Saramago tenha estado mais em relação com o conceito de *literatura*, com a ideia de género textual, do que com a capacidade de intervenção da arte em geral. Se tivesse vivido mais tempo, talvez o autor tivesse substituído o questionado conceito tradicional de *literatura* por outro, mais político e mais próximo desta explicação que Pilar del Río deu, recentemente, do projecto vital e artístico saramaguiano:

[...] a missão é mostrar uma cultura, uma língua e uma forma política de estar no mundo. A ética da responsabilidade. [...] [Saramago] Assumiu o compromisso da responsabilidade de uma forma rotunda. [O] projecto Saramago - chamamo-lo assim depois da morte de Saramago, porque ele não o teria permitido - é um projecto de intervenção cultural, social e política de reflexão. (del Río, A última carta de Saramago)

Bibliografia

Baltrusch, Burghard. “A nova Mensagem do trans-iberismo – sobre alguns aspectos utópicos e meta-narrativos no discurso saramaguiano”. In: Burghard Baltrusch (ed.), “*O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia*” - *Estudos sobre Utopia e Ficção em José Saramago*, Berlim, Frank & Timme, pp. 53-72.

_____. “«O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia» – sobre utopia e ficção em José Saramago”. In: Burghard Baltrusch (ed.), “*O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia*” - *Estudos sobre Utopia e Ficção em José Saramago*, Berlim, Frank & Timme, pp. 9-18.

_____. “A arte é o que fica na história — O Ano de 1993 de José Saramago e as ilustrações de Graça Morais”, *Bulletin of Hispanic Studies*, 2020 (aceite, no prelo).

Benjamin, Walter. “Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit”. In: *Gesammelte Schriften*, vol. VII, ed. por R. Tiedemann e H. Schweppenhäuser, Frankfurt, Suhrkamp, pp. 350-384.

del Río Sánchez, Pilar. “A última carta de Saramago – 20 anos depois do Nobel” [entrevista concedida a Isabel Lucas]. *Público*, 7/10/2018, <https://www.publico.pt/2018/10/07/culturaipsilon/noticia/quando-o-tempo-comecou-a-contar-faz-20-anos-1846366> (consultado em 15/03/2019).

Gómez Aguilera, Fernando (org. e sel.). *As Palavras de Saramago*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

Losada, Basilio. “An Iberian Voice”. *TLS: Times Literary Supplement*, Liber 3, 23 February 1990, p. 208.

Neto, Pedro Fernandes de Oliveira. “José Saramago, breve comentário sobre o crítico literário leitor de Jorge de Sena”. *Revista de Estudos Saramaguianos*, nº 11, 2020, pp. 67-75, <<https://estudossaramaguianos.com/n-11-vol-1-jan-2020/>> (consultado em 27/03/2020).

_____. “Diálogos entre José Saramago e Jean-Paul Sartre”. *Revista LITCULT*, 06/09/2012, <<https://litcult.net/2012/09/06/dialogos-entre-jose-saramago-e-jean-paul-sartre/>> (consultado em 31/03/2020).

Nogueira, Carlos. “*Terra do Pecado*: o «fator deus» no primeiro Saramago”. *Actio Nova: Revista de la Literatura y Literatura Comparada*, monográfico 3, 2019, pp. 17-37.

- Moraes, Rejane Silva de e Ferreira, Raphael Bessa. “Um reflexo do homem contemporâneo sob o viés da teoria existencialista em *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago”. *Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará*, nº 9, 2017, pp. 171-182.
- Piedade, Filipe e Loff, Manuel. *Ditaduras e Revolução - Democracia e políticas da memória*. Lisboa, Leya, 2015, <<https://bit.ly/33HLkw2>> (consultado 25/03/2020).
- Reis, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa, Caminho 1998.
- Santos, Gilda. “Espreitando uma correspondência inédita: Jorge de Sena/José Saramago”, IPOTESI, Juiz de Fora, vol. 15, n.º 1, 2011, pp. 225-233.
- Saramago, José. “Entrevista do jornalista José Carlos Vasconcelos ao escritor José Saramago, sobre a sua vida pessoal, a obra literária, e o momento que se vive em Portugal no pós 25 de abril de 1974”, RTP Arquivos, 17/09/1974, <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-saramago-4>> (consultado 24/03/2020).
- _____. “A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa” [entrevista a Inês Pedrosa]. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 10/11/1986, p. 24.
- _____. “A Country Adrift”. *TLs: Times Literary Supplement*, no. 4471, 9 December 1988, p. 1370.
- _____. “Acerca do (meu) Iberismo”. *Encontros: Revista Hispano Portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales*, nº 1, 1989, pp. 29-31.
- _____. *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa, Caminho, 2004.
- _____. “Até agora nunca escrevi nenhum livro mau...”. Entrevista dada a Isabel Lucas. *Diário de Notícias*, 1/09/2008, <<https://www.dn.pt/dossiers/gente/jose-saramago/entrevistas/ate-agora-nunca-escrevi-nenhum-livro-mau-1007450.html>> (consultado 25/03/20).
- _____. “De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz” [Discurso na entrega do Prémio Nobel de Literatura, Estocolmo, 7 de Dezembro de 1998]. *Público - Ípsilon*, 18/06/2010, <<https://www.publico.pt/2010/06/18/culturaipsilon/noticia/discurso-perante-a-real-academia-sueca-de-como-a-personagem-foi-mestre-e-o-autor-seu-aprendiz-1442556>> (consultado em 27/03/2020).
- _____. *A Estátua e a Pedra*. Lisboa, Fundação José Saramago, 2013.

_____. (2016). “Meditação sobre uma Jangada”. *Blimunda*, nº 55, 2016, pp. 96-105 [reed. em port. de uma entrevista dada à *Libération* em 1986].

_____. *Último Caderno de Lanzarote. O diário do ano do Nobel*. Porto, Porto Editora, 2018.

Sartre, Jean-Paul. *Huis clos suivi de Les mouches*. Paris, Gallimard, 1947.

_____. *L'Existentialisme est un Humanisme*. Paris, Les Éditions Nagel, 1970.

_____. “Sartre par Sartre”. In: *Situations IX*, Paris, Gallimard, 1972.

_____. *Critique de la raison dialectique, tome 1: Théorie des ensembles pratiques*. Paris, Gallimard, 1974.

_____. *Que é a Literatura?* São Paulo, Editora Ática, 2004.

_____. *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Trad. e notas de Paulo Perdigão. Petrópolis, Editora Vozes, 2011.

Sena, Jorge de. *Obras Completas. Poesia 1*. Ed. Por Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa, Guimarães, 2013.

Vattimo, Gianni. *A Sociedade Transparente*. Trad. por Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa, Relógio d'Água, 1992.

Burghard Baltrusch é professor titular de Literaturas Lusófonas, presidente da [I Cátedra Internacional José Saramago](#) e coordenador do grupo de investigação [BiFeGa](#) na Universidade de Vigo. A sua investigação centra-se nas obras de Fernando Pessoa e José Saramago, a poesia actual e a teoria da tradução. Coordenou o projecto “Poesía actual y política” (POEPOLIT, FFI2016-77584-P), financiado pelo Ministério de Economia e Competitividade da Espanha. Foi presidente da Asociación Internacional de Estudos Galegos, coordenou vários programas de doutoramento e congressos internacionais. Entre outros livros, publicou ou (co)editou [Bewußtsein und Erzählungen der Moderne im Werk Fernando Pessoa](#) (Peter Lang, 1997), [Kritisches Lexikon der Romanischen Gegenwartsliteraturen](#) (5 vols., coed. com W.-D. Lange et al., G. Narr-Verlag, 1999), [Non-Lyric Discourses in Contemporary Poetry](#) (coed. com I. Lourido, Peter Lang, 2012), [Lupe Gómez: libre e estranxeira - Estudos e traducións](#) (Frank & Timme, 2013), [“O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia” - Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago](#) (Frank & Timme, 2014). Para mais publicações visite <https://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch>.

Correio electrónico: burg@uvigo.gal